

COMUNICAÇÕES - PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTOS EM QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

QUEM TEM MEDO GÊNERO? A CIÊNCIA ACADÊMICA!

Camila Infanger Almeida (cinfanger@usp.br)

A sociedade atual vivencia, e forma reiterada como em outros momentos da história, a expansão de movimentos conservadores, típicos da extrema direita de forma internacional. Vivencia também nesta mesma esteira a propagação de discursos de ódio na direção de teorias de gênero numa construção argumentativa que tem origens para além do debate de gênero e seus mais recentes contornos, mas em fantasmas diversos que ameaçam um mundo ideal normativo conservador. Tal mundo idealizado abrange a instituição da ciência, em especial a academia, que por sua vez, constituída com base em princípios de padronização e competição, é inerentemente induzida à promoção de valores objetivos e à supressão de indivíduos e subjetividades. Este robusto conjunto de valores, costumes, normas e práticas que orientam a dinâmica da ciência acadêmica tem sido chacoalhado por intelectuais progressistas (e muitas vezes considerados desviantes) com discussões que reposicionam o conceito de gênero e categorias analíticas relacionadas, como as mulheres. Ideais sobre o dever ser da academia, que incluem valores como a articulação das identidades masculinas, enraizados no século XIII, persistem no século XXI entre acadêmicos e membros do corpo docente em todos os níveis de senioridade. Resistência e potencial hostilidade são previsíveis dos grupos que testemunham a redução e/ ou modificação de seus privilégios. Na academia, a resistência incorpora o que Butler (2024) descreve como o caráter

fantasmático, atribuído ao gênero por representantes de setores conservadores, precisamente em relação aos estudos de gênero. É importante salientar que, enquanto as fontes de financiamento científico foram praticamente inteiramente dos governos, ameaças ao status quo político democrático também devem ser consideradas como ameaças ao desenvolvimento da produção científica. Ataques são materializados em casos recentes, como na Polônia, onde pesquisadores de estudos de gênero foram colocados em listas sujas, ou o caso da Flórida, nos EUA, onde foi sancionado o fechamento de programas e/ou departamentos no campo da teoria crítica da raça, estudos de gênero e interseccionalidade. Ataques com base em argumentos religiosos, inspirados pelo chefe da Igreja Católica, desacreditam conceitos estabelecidos na pesquisa científica ao rotulá-los como fictícios. As vítimas são grupos e acadêmicos feministas cujo trabalho, centrado nas ideias estigmatizadas dentro da macro disciplina de gênero, é invalidado juntamente com a produção científica geral sobre o tema. Embora gostaríamos de acreditar que a era da fé havia terminado e a era da razão havia chegado, ainda experimentamos um antagonismo persistente, que resulta na marginalização e relativa hostilização dos estudos de gênero dentro da academia.

Palavras-chave: estudos de gênero; conservadorismo; resistência.